

Capítulo 10 – Uma pilha de pedras.

O grupo avançou com dificuldades e gastou quase vinte minutos para percorrer o caminho que fizeram em dez. Quando se depararam novamente com os escombros das armas de sítio. Assiral colocou Lariata no chão e disse:

__Vamos fazer uma maca com essa madeira.

__Não temos tempo a perder! – respondeu Arthins ainda abatido.

__Temos uma longa caminhada pela frente, seremos mais rápidos se a levamos numa maca. – respondeu Assiral. Enquanto Assiral e Arthins concentravam-se na construção da maca improvisada, usando as madeiras e cobertores, Nitia fez bandagens e curativos nos feridos, inclusive em si mesma. Em seguida, aproveitando a pouca energia que recuperou nesse meio tempo fez novo encantamento de cura, desta vez em Baliak. Depois foi até Lariata, ver como ela estava.

__Eu não vou resistir. – disse Lariata com dificuldade. A guerreira estava muito pálida e fraca. Ela suava frio e estava com o pulso fraco.

__Não diga besteira! Você vai ficar bem! – respondeu Nitia.

__Ao menos descobrimos que eles estavam a serviço de Suineg. – disse Lariata.

__Mantenha-se em silêncio, economize suas energias. – disse Nitia.

__E sabemos para o que serve a chave. – completou Lariata.

__Sim, sabemos. O que eu não sei é se vou sempre acordar depois de fazer estes encantamentos desesperados. – disse Joukthups que acordava naquele instante.

__Como está se sentindo? – perguntou Nitia sem conter a felicidade de ver o amigo se levantando, mas sem deixar de analisar Lariata.

__Exausto. – respondeu Joukthups.

__Consegue caminhar? – perguntou Arthins.

__Acredito que sim. – respondeu Joukthups recompondo-se.

__Então vamos! Não temos tempo a perder, disse Arthins levando a maca que acabou de construir até próximo de Lariata. Nitia o interrompeu por um instante, dizendo:

__Antes disso, preciso ver como está o ferimento. Dê-me uma das pedras incandescentes. – Arthins obedeceu e Nitia afastou as pernas de Lariata ainda ensopadas de sangue, em seguida colocou a pedra no chão, próximo às pernas, e disse para Maliha. –

Preciso de sua ajuda, use a maca para nos dar um pouco de privacidade. Preciso ver como está o local da ferida. Os demais se afastaram e Nitia começou a despir Lariata cuidadosamente e conversava com a guerreira enquanto o fazia.

__Desculpe, amiga. Preciso ver como está o ferimento. O que está sentindo?

__Estou tonta e com sensação de que vou desmaiar e... tenho sede e muita dor na virilha. – respondeu Lariata ainda com dificuldade.

__Você vai ficar bem, vai ficar tudo... bem. – Nitia a despia enquanto conversava, mas ao ver o ferimento tomou um segundo para completar a frase. Maliha encarava Nitia com um olhar desesperado, pois também não gostou do que viu. A perna de Lariata estava inchada e roxa e apesar de todos os encantamentos e poção de cura sua situação era muito preocupante.

__É meu fim, não é? – perguntou Lariata.

__Não deixaremos que morra, Lariata. – disse Nitia segurando com força a mão da guerreira. Em seguida vestiu a amiga e foi conversar com os demais.

__Joukthups, teleporte-a até Bringth. – disse Nitia.

__Impossível, é muito longe. – respondeu o arcano.

__Como ela está? – perguntou Arthins.

__Temos que partir, agora! Sem descanso! Sei que não dormimos há muito tempo, mas se descansarmos ela pode não acordar, mas antes vou imobilizar a perna, para evitar que a hemorragia piore. Precisaréi também de seus cobertores, ela ficará com muito frio. É também muito importante mantermos a perna dela elevada para diminuir a perda de sangue. Portanto, coloquem outras cobertas debaixo das pernas.

__Gastaremos ao menos dois dias para chegar a Bringth. – disse Assiral.

__Eu sei, é a única escolha! O problema maior está na perna, apesar de todas as curas que fizemos, não conseguimos estancar o sangramento. – respondeu Nitia.

__Vamos embora! Assiral, ajude-me! – respondeu Arthins apressadamente enquanto pegou nos braços de Lariata. Quando ela foi colocada na maca, disse para Arthins.

__Hei, bem que você disse. O machado é mais eficiente em suas mãos!

__Cale-se! Você me salvou contra aquele golem e agora vou retribuir o favor! – disse Arthins já avançando com Assiral.

__Acalme-se, Arthins. – disse Nitia interrompendo o ansioso homenzarrão. – Precisamos retirar a armadura antes, pois é preciso que o sangue dela circule. – Nitia e Maliha despiram Lariata e se depararam com algo contrastante. Lariata era extremamente musculosa para os padrões femininos, seus braços, pernas e torso tinham uma musculatura bem definida e imponente, mas que agora pareciam fracos e indefesos. A pele de Lariata estava fria, com bastante sudorese e mais branca do que de costume. Seus lábios estavam descorados e seus cabelos ruivos pareciam ainda mais vermelhos.

Por horas eles marcharam, carregando Lariata na maca e sua armadura em uma sacola improvisada, mas a fadiga e os ferimentos que sustentavam impediam que fossem tão rápidos quanto necessário. Apenas Arthins não parecia abalado pelo cansaço e estimulava-os a todo momento. Nitia possuía um estoque pessoal de uma erva analgésica que coletou durante meses e o gastou por completo em Lariata e nos demais, para que não sucumbissem às dores. Com isso eles avançaram em uma velocidade superior, mas ainda assim não tão rápido quanto antes de terem enfrentado o cavaleiro. Horas se passaram e Lariata se mostrava cada vez mais fraca, perdia constantemente os sentidos. Estavam exaustos e por mais que quisessem não conseguiam imprimir um ritmo forte, mesmo assim, ninguém parecia hesitante e marchavam resolutos. Quando pararam mais uma vez para descansar, Nitia analisou a perfuração na virilha de Lariata e viu que a situação se agravava. Dessa vez Lariata acordou e disse:

__Eu tenho um último pedido.

__Guarde-o, não será preciso. – disse Nitia ainda querendo esconder o diagnóstico fatal.

__Enterre-me na entrada de Laipem para que saibam que morri como um anão! – disse Lariata com extrema dificuldade. Nitia não a respondeu e escondeu as lágrimas enquanto cobria Lariata. Em seguida se retirou, amparada por Maliha que a acompanhava nestes momentos em que analisava o ferimento. Arthins tomou seu lugar e sentou-se próximo a guerreira que resistia com dificuldades aos ferimentos. Lariata encarou o homenzarrão com um rosto quase irreconhecível devido a palidez e sudorese. Ela juntou novas forças e disse:

__Veja o lado bom.

__Shh, não fale. Descanse! – respondeu Arthins.

__Você vai poder ficar com todos os machados! –disse Lariata com um leve sorriso nos lábios. Ela tentou rir, mas estava fraca demais e acabou amolecendo. Arthins desesperou-se. Como poderia ela dizer-lhe isso em seus últimos segundos? Que tipo de pessoa ele havia se tornado, tão apegado às posses e com tamanha necessidade de autoafirmação que não excluía nem mesmo seus amigos mais íntimos? De fato Lariata havia dito aquilo em tom de piada, mas o bom-humor da guerreira não casou com a situação e Arthins não se conformava com este papel que estava desempenhando.

__Nitia! Rápido! – gritou Arthins quando se recompôs. A elfa o atendeu prontamente e após verificar a pulsação da guerreira, Nitia disse:

__Acalme-se, ainda não foi dessa vez.

__Ainda não foi dessa vez? Você já desistiu? – perguntou Arthins.

__Não! – respondeu Nitia que continuou depois de um breve silêncio. – Não é culpa minha! Em minha opinião nós nem deveríamos estar aqui! É isso o que acontece quando saímos nessas aventuras!

Nitia se afastou dos demais, desta vez chorando mais claramente. Arthins manteve-se em silêncio assim como os demais. Todos ficaram imóveis e desolados, sem saber como proceder e Joukthups aproximou-se de Nitia.

__Como ela está, Nitia? Não me esconda nada e diga a realidade. – disse Joukthups em tom baixo e sério, mas conciliador.

__A perna dela está morrendo e a hemorragia não parou. Pelo visto está piorando porque não a deixamos quieta. – respondeu Nitia contendo o choro.

__Então é melhor descansarmos um pouco?

__Não, se o fizermos ela morrerá. O tempo é nosso grande inimigo. – respondeu Nitia. Joukthups respirou profundamente e continuou:

__Acredito que saiba o que deve ser feito.

__O que?

__Deve tentar curá-la novamente.

__Mas é muito arriscado!

__Ela está à beira da morte, você sabe que não temos outra escolha! Ninguém irá culpá-la.

__Eu irei culpar-me, Jouk. Se eu falhar a culpa será minha.

__Não amiga, você nunca foi culpada de nada. – ao dizer isso Joukthups deu um beijo na testa da elfa e foi se encontrar com os demais. Antes ele encarou os amigos e se deparou com rostos exaustos e olhares de desânimo. Até mesmo Arthins que manteve o grupo em ritmo acelerado por todo o tempo não conseguia esconder o cansaço e desânimo. Após encarar o semblante de todos, Joukthups falou:

__Sejamos realistas, amigos. Fazem dois dias que não dormimos e temos marchado incessantemente, mesmo feridos... Dois dias? Diabos, não vemos o sol a tanto tempo, nem podemos dizer quantos dias fazem que não descansamos!

__Não vamos desistir! – disse Arthins, levantando-se.

__Jamais, mas não podemos salvá-la assim. Se continuarmos indo em direção a Bringth ela não resistirá, apesar de nosso esforço. – respondeu o arcano.

__O que sugere? – perguntou Arthins.

__Eu estive pensando. – disse Assiral. – Talvez pudéssemos amputar a perna e estancarmos o sangramento com brasa ardente.

__Você está maluco? – perguntou Baliak.

__Escute-me. É uma chance, ela ficará sem a perna, mas pode sobreviver. Já ouvi dizer que fazem em soldados feridos em combate!

__Sim, o fazem, mas não é nada agradável. Ela sentirá muita dor e pode não sobreviver. – respondeu Tsuguoio com a confiança de quem já havia presenciado este tipo de cena.

__Ela não sobreviverá. – interrompeu Nítia que havia se aproximado do grupo. – Mesmo se usarmos o machado e conseguirmos amputar a perna com um único golpe é bem provável que não alcançaremos a origem da hemorragia. O corte foi feito na virilha, muito alto. O maldito sabia o que estava fazendo quando a golpeou ali.

__O que sugere, Nítia? – perguntou Maliha, também abatida.

__Eu tentarei outra magia de cura nela. – respondeu Nítia.

__E isso não irá matá-la? Você havia dito que se tentasse duas magias de cura em único dia ela não resistiria.

__É possível, ou melhor, é provável que ela morrerá se eu tentar, mas é certo que ela não resistirá se continuarmos. – respondeu Nítia contendo-se e preparando-se para o difícil teste que se submeteria.

__Espere um minuto! Você já fez duas magias de cura nela hoje! Ela acordou depois da segunda magia! – exclamou Tsuguo pouco acostumado com os assuntos relacionados a magia.

__Sim, mas eram encantamentos diferentes. Um permite curar ferimentos profundos enquanto o outro apenas os superficiais. O perigo está em fazer o mesmo encantamento duas vezes. – explicou Nitia.

__O que é preciso para que a magia funcione? – perguntou Baliak.

__Uns dizem que a cura é concedida àqueles que possuem fé em sua divindade, que atenderão ao chamado e intercederão para que o corpo da vítima resista ao encantamento. Outros dizem que seria preciso um profundo conhecimento das palavras mágicas para fazer com que o corpo resista à extensiva energia recebida. – respondeu Nitia.

__E você, no que acredita? – perguntou Arthins.

__Acredito que Natusiest a deixará viver se assim for melhor. – respondeu Nitia de maneira resoluta. Em seguida, a elfa tirou um pedaço de madeira de sua mochila e o colocou na boca de Lariata. Depois pediu para que Assiral segurasse os ombros e Maliha as pernas da guerreira.

__Espere um momento! Não disse que ia curá-la? – disse Arthins de forma assustada imaginando que Nitia o pediria para usar o machado.

__E irei, mas se a magia falhar ela sofrerá o efeito contrário que infelizmente será fatal. – respondeu Nitia. Arthins pensou em acordar Lariata para dizer-lhe uma última palavra, mas hesitou, afastou-se e sentou-se pesadamente no chão de cabeça baixa, pois não conseguia ver o que estava por acontecer. Baliak sentou a seu lado, encarando Nitia e amparando Arthins. Tsuguo e Joukthups também encaravam a elfa, mas mantinham-se imóveis e de pé. Assiral baixou a cabeça enquanto segurava as pernas de Lariata, já Maliha segurava os ombros com os olhos cobertos de lágrima. Nitia se aproximou lentamente de Lariata, concentrada e imersa em uma reza élfica. Ajoelhou-se, tocou o ferimento da guerreira e fechou os olhos. Quando tocada, Lariata ainda gemeu quase delirante. Nitia respirou profundamente e disse as palavras mágicas em uma súplica desesperada:

__*Paxso mastirn Natusiest!*

Um longo e silencioso segundo se passou, no qual podiam ouvir suas próprias respirações. De repente Lariata contorceu-se e levantou o tronco a meia altura, gemendo e

gritando. Seus olhos saltavam de suas órbitas e sua face exprimia uma dor insuportável. Ela se contorceu por dois segundos e finalmente amoleceu nos braços de Maliha e Assiral. Todos mantinham-se em silêncio e agora evitavam encarar Nitia, que permaneceu ajoelhada e cabisbaixa. Ficaram imóveis por trinta segundos, esperando um milagre que não veio, pois Lariata não se mexia. Finalmente, Arthins levantou-se tocou a cabeça de Nitia e disse:

__ Malditos! Deuses malditos!

Em seguida Arthins se sentou novamente, mantendo a cabeça baixa. Baliak não ousou aproximar-se desta vez, pois o tom de voz usado pelo homenzarrão para maldizer os deuses demonstrava que ele estava profundamente furioso. Os demais mantiveram-se calados esperando que alguém os dissesse o que fazer. Finalmente Nitia levantou-se e disse:

__Ela me pediu que a enterrássemos na entrada de Laipem. Queria ser lembrada como uma humana que viveu entre anões.

__Assim seja. – respondeu Joukthups.

Todos estavam exaustos demais para continuar avançando e dormiram ali mesmo naquele corredor. O desânimo e cansaço eram tamanhos que não se preocuparam em montar um sistema de guarda e simplesmente desabaram adormecidos. Por sorte não foram atacados e quando estavam recompostos retomaram o caminho em direção a entrada do labirinto. Porém, antes Nitia fez novas magias de cura em todos, deixando-os quase tão saudáveis quanto antes.

Após duas horas de caminhada depararam-se com quatro cadáveres seminus cujos ferimentos eram relativamente recentes. Eram três humanos e um elfo e ao redor deles havia ainda a carcaça de outros cinco zumbis. Assiral tomou a palavra enquanto analisava o terreno:

__Eram aventureiros, provavelmente a serviço de Helios. Foram atacados por uma dezena de zumbis e por algo mais pesado, provavelmente um cavaleiro da morte.

__Mais cavaleiros! – exclamou Tsuguio.

__Sim, mas vejo o rastro apenas de um. – respondeu Assiral.

__Quando foi o ataque? – perguntou Arthins.

__Eu diria que foi enquanto dormíamos. – respondeu Assiral.

__Excelente! – respondeu Arthins.

__Excelente? – perguntou Maliha. – Poderia ter sido nós!

__Eles devem estar pensando que nos derrotaram! Por isso eles estarão com a guarda baixa! – respondeu Arthins que continuou em seguida. – Lariata terá sua vingança!

Revistaram os corpos, mas nada encontraram e guiados pelos mapas de Assiral prosseguiram em direção a entrada do labirinto. Chegaram lá no final da tarde, apesar de terem a sensação de que ainda seria por volta da hora do almoço. Cavaram a cova com dificuldade, pois não tinham as ferramentas adequadas e mantiveram-se em silêncio, pois a tristeza havia abatido sobre todos. Quando a cova estava finalmente pronta, eles revistaram Lariata em busca de equipamentos que pudessem aproveitar. Sua armadura de placa de metal estava danificada, mas ainda valia algumas boas moedas de ouro. O broquel que ela usava foi entregue a Assiral e a espada de duas mãos ficou com Baliak. Da mochila da guerreira recuperaram rações de viajantes, água e algumas moedas de ouro que foram divididas juntamente com as outras dez que Assiral encontrou no aposento em que enfrentaram o último cavaleiro da morte. Com essa nova divisão todos receberam duas peças de ouro, com exceção de Baliak que havia ficado com a espada e que por isso ficou com apenas uma.

Enterraram o corpo sem que uma única palavra fosse dita em memória a gigante ruiva que os deixava. Em seguida recolheram pedras de todos os tamanhos e as empilharam sobre a terra fofa. Gastaram longas horas na tarefa, mas não reclamaram, pois acreditavam que era assim que uma humana que viveu entre anões deveria descansar: entre rochas e terra. Por fim, colocaram a maior pedra que encontraram sobre as demais e Baliak fez um encantamento, que esculpiu os seguintes dizeres na mesma:

“Aqui jaz Lariata, uma humana com alma de anão.”

Passaram a noite ao lado da cova, mas não dormiram com facilidade, pois não fazia tanto tempo assim que haviam acordado. Conversaram brevemente e decidiram retornar a Bringth para repor os mantimentos e procurar um guia ou mesmo mapas para ajudar em uma última empreitada.

Diferentemente da maioria do grupo que desejava voltar ao labirinto para vingar Lariata, Joukthups desejava reunir-se com Piltrom, pois o encarava como a única pessoa

que podia aconselhá-los quanto aos próximos passos a seguir. Agora que já sabiam o propósito da chave de pedra que encontraram dias atrás era preciso buscar orientação com o arcano mais sábio do condado. No entanto, Joukthups não apresentou seus planos prontamente, pois sabia que enfrentaria uma dura oposição de Arthins que agora liderava aproveitando o momento de dor pelo que passavam. Joukthups tinha esperança que uma boa noite de sono e as sábias palavras de Piltrom ajudariam a convencer o homenzarrão e os demais a desistirem de uma vingança descontrolada.

O grupo estava em silêncio, jantando próximo a uma lareira improvisada quando de repente Assiral disse:

__Eu me lembro!

__Do quê? – perguntou Baliak.

__Agora me lembro de um caminho que ainda não exploramos! – continuou analisando seus mapas rascunhados.

__Não acha melhor comprarmos mais mantimentos antes? – respondeu Nitia.

__Sem falar em um guia! Existem dezenas de caminhos ainda não explorados! – completou Maliha.

__Não é bem o caso. O local inexplorado é em uma região com corredores, mais afastada da cidade em si e daquelas várias encruzilhadas. Além disso, não fica tão longe da entrada. Podemos chegar lá em menos de um dia. – respondeu Assiral.

__Diga mais sobre esse caminho. – disse Arthins subitamente interessando-se pelo assunto.

__É próximo ao local onde enfrentamos o primeiro cavaleiro da morte. – respondeu Assiral.

__Excelente! Então é lá que eles estão! – disse Arthins.

__Eles quem? – perguntou Baliak.

__Percebam, nós vasculhamos o interior do labirinto e encontramos um cavaleiro apenas na sala do trono. Já o grupo foi atacado próximo à entrada do labirinto onde eu acredito que seja o domínio de outro cavaleiro. Se há um lugar próximo a entrada ainda não vasculhado provavelmente seja lá que o maldito se esconde.

__Arthins, não deixe a vingança ser seu único motivador. – disse Nitia.

__Eu digo que devemos matá-los antes que eles acabem conosco. Temos que aproveitar que podemos pegá-los desprevenidos.

__Você não sabe se eles acreditam nisso. – disse Nitia.

__Devemos derrotá-los antes que eles estejam fortes o suficiente para atacar Bringth! – exclamou Arthins. Este último argumento encontrou o apoio de Maliha, Assiral e Tsuguo e por isso Joukthups retomou a palavra:

__Quão longe?

__Teremos que passar pela ponte sobre o abismo... – disse Assiral.

__O local onde Baraz morreu? – perguntou Baliak.

__Exatamente. Depois do abismo há um caminho inexplorado. – disse Assiral.

__Estou de acordo, quero ter certeza que não profanaram o túmulo de nosso amigo. – disse Baliak.

__Esperem um momento. Se voltarmos lá teremos que enfrentar aquelas criaturas novamente, não é? – perguntou Nitia.

__Acredito que não, pois passamos lá depois disso e nada aconteceu. – disse Assiral.

__Assim seja, vamos fazer uma visita a Baraz. – disse Joukthups cedendo a vontade da maioria.

__Lariata, hoje dormimos sobre seu corpo. Amanhã descansaremos sobre a carcaça de outro cavaleiro! – disse Arthins satisfeito encarando o túmulo da amiga.